

CORCUNDA

DUETO PARA ATOR E CATEDRAL GÓTICA

baseado na obra de
VICTOR HUGO

com
**MAURICIO
GRECCO**

direção
**DANIEL
HERZ**

diretor
assistente
**TIAGO
HERZ**

Correalização



Patrocínio



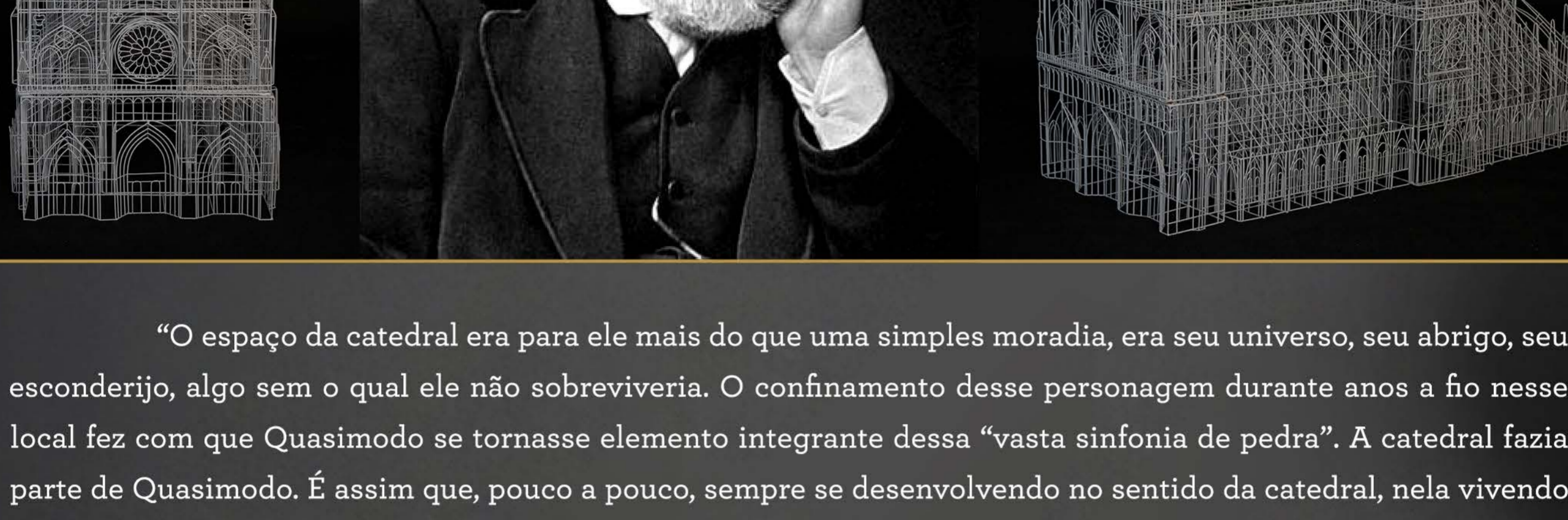
Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

VICTOR HUGO

Nasceu em 26 de fevereiro de 1802, em Besançon, França. Foi educado por vários tutores e estudou em escolas privadas, sempre demonstrando inteligência precoce. Tornou-se escritor aos 15 anos e logo assumiu um lugar excepcional na história da literatura ocidental, dominando todo o século XIX graças a sua fecunda genialidade e à diversidade de sua produção. Escreveu desde poesia lírica, satírica e épica até romances e dramaturgia em prosa e em versos. Chegou a ser considerado poeta oficial da nação francesa. É autor de *Os Miseráveis*, *O Homem que Ri* e *O Corcunda Notre-Dame*, entre diversas outras obras clássicas de fama e renome mundiais.



“O espaço da catedral era para ele mais do que uma simples moradia, era seu universo, seu abrigo, seu esconderijo, algo sem o qual ele não sobreviveria. O confinamento desse personagem durante anos a fio nesse local fez com que Quasimodo se tornasse elemento integrante dessa “vasta sinfonia de pedra”. A catedral fazia parte de Quasimodo. É assim que, pouco a pouco, sempre se desenvolvendo no sentido da catedral, nela vivendo, nela dormindo, dela quase nunca saindo, sofrendo a toda hora sua pressão misteriosa, ele chegou a se parecer com ela, a incrustar-se e, por assim dizer, a fazer parte integral dela.”

“A áspera catedral era sua carapaça.”

Victor Hugo

“O *Corcunda de Notre-Dame* é um romance gótico sobre um edifício gótico. O foco moral da história é a catedral de Notre-Dame. A arquitetura prepara o cenário, constrói os principais personagens e une para sempre seus destinos. O personagem central da história não é uma pessoa; é um edifício.”

Richard Buda



OI FUTURO

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, escreve Italo Calvino em *Por que ler os clássicos*. As obras enigmáticas, em outro entendimento da frase deste escritor cubano/italiano, conseguem gerar sentido mesmo fora da época em que foram publicadas. Clássicos, portanto, são atemporais. São imortais. É por isso que o Oi Futuro apoia e recebe em seu teatro *Corcunda - dueto para ator e catedral gótica*, peça com direção de Daniel Herz que se inspira em um dos cânones máximos da literatura mundial, *O Corcunda de Notre-Dame*, do francês Victor Hugo, para criar uma montagem autoral e cheia de frescor em extrema sintonia com a atuação voltada à inovação do Centro Cultural Oi Futuro.

Victor Hugo, ativista das causas sociais e dos direitos humanos, quase 200 anos depois da criação do texto original, ficaria certamente perplexo em perceber como nós, seres humanos, ainda não evoluímos como espécie em inúmeros aspectos. Basta abrir os jornais; basta olhar ao redor: guerras, ignorância e perpetuação da violência, do ódio, da injustiça, da desigualdade e da desinclusão entre nossos pares.

Neste mundo cada vez mais “instagramável”, onde a beleza, o glamour e as aparências são percebidos como atributos de primeira grandeza, “CORCUNDA”, uma história de amor impossível ilustrada por personagens que atravessam classes sociais distintas em meio a uma Paris medieval, essencialmente nos ensina sobre como podemos lidar com o outro, com a alteridade; de entendermos que respeitar o próximo é respeitar a nós mesmos.

Chico Dub

Diretor Artístico Residente do Oi Futuro

DANIEL HERZ

Um ser solitário caminha no deserto. Pelos cantos e por todos os lados, só desolação. Quase esquece quem é e o que veio fazer no mundo. Escuta um som vindo de uma célula chamada telefone e se aproxima com os ouvidos bem abertos. Desse som vem um chamado para que entrasse dentro de um livro junto com a voz que lhe falava. Naquela página emerge um sentido, ou pelo menos a ilusão de um sentido para o nada que dominava o mundo daquele momento. O homem/ser, quando percebe, traz consigo mais um parceiro, sangue de seu sangue, para se juntar com a voz, que agora já não era apenas uma voz, e sim, um corpo vivo e potente. Assim esses três andarrilhos enfrentam as palavras de um livro intitulado *O Corcunda de Notre-Dame*. Começam a escolher palavras que pudessem sair das páginas e se transformarem numa trilha de cenas que permitisse aos três encontrar de volta o poder fazer no mundo. Das palavras foram criando um espaço que se desenhava. A sua cena e de uma nova cena que fez os três andarrilhos encontrarem um lugar que tanto procuravam. Esse lugar, chamado teatro, passou a ser ressignificado pelos dias que passaram juntos, pela aliança que se foi refazendo e fortalecendo a cada ensaio, a cada nova marca. E as marcas foram se agrupando até o dia que os três andarrilhos, que agora já se reconheciam como artistas de outrora, antes do deserto que assolou o país em que viviam, decidiram compartilhar com outros andarrilhos a história daquele livro. A história de um corcunda a nos lembra que de uma certa forma todos somos corcundas e todos temos que aprender a cuidar do outro para que o deserto seja cada vez menos deserto, e a vida cada vez mais encantada.

Meus parceiros de caminhada, **Maurício Grecco** e **Tiago Herz**, jamais esquecerei o enfrentamento do deserto e, juntos com **Marta Paiva**, **Doris Rollemberg**, **Leandro Castilho**, **Júlia Cohen**, **Lucieli Belcic**, **Mônica Farias** e **Renato Machado**, o reencontro da alegria da arte de sermos outros e nós mesmos.

“Não há bela aparência sem profundidade aterradora.”

Eurípides

MAURICIO GRECCO

Caso algum dia eu desperte do sonho que estou vivendo, quero acordar exatamente no mesmo lugar: no teatro. A vida nos faz custuras inacreditáveis, e, mesmo tendo atravessado tantos desafios e merdas, a arte sempre me abriga, sempre me arrastou, como faz Quasimodo quando agarra a cigana Esmeralda e a carrega nos ombros. Nesse ofício de ator, de ser outros sem deixar de ser eu mesmo, já tive incontáveis epifanias e mergulhos abissais. *Anima*, alma, ânimo. O meu desejo me comanda e rege, e persigo-o com as asas do teatro, mais largas e potentes que as minhas. Ser outros e me multiplicar, me expandir e tornar meu corpo e minha alma essas quartelas de madeira, que chamam de palco e me abrigam, histórias que nem foram ainda contadas. Não existe passado nem futuro aqui no meu sonho, apenas um presente que condensa todos os tempos e todos os atores que vieram antes de mim e os que ainda virão.

Depois de alguns punhados de anos no teatro, confirmo que quanto mais horizontal se dá a relação entre a equipe de criação e mais vertical pode ser o mergulho. Por isso nem sei o que dizer para a confraria toda que está comigo nessa jornada – **Doris Rollemberg**, **Renato Machado**, **Clivia Cohen**, **Lucieli Belcic**, **Leandro Castilho**, **Lygia Santiago**, **Mônica Farias**, **Rafael Grecco**, **Jackeline Nigri** e **Carolina Kasting**. Num solo teatral precisamos estar muito bem acompanhados. A intersubjetividade é território surpreendente; a interseção de singularidades, um encontro de águas em que não se distingue o que é de um ou do outro; essa encenação é puramente isto. Invenção coletiva de uma Paris feita numa garagem do Horto no meio a um apocalipse que acometeu o mundo por tantos meses.

O teatro, que é tão bom costureiro como a própria vida, me trouxe (aquele que sempre esteve) meu irmão, meu comparsa, meu amigo **Daniel Herz** que dirigiu essa peça com tanta maestria, ousadia e generosidade. Alguém que não recua diante de ideias que não se encaixam na construção da obra partindo da ausência de uma dramaturgia pronta ou de ideias já estabelecidas. Tudo, absolutamente tudo desse trabalho surgiu com improvisação e como experimento. Cada mecanismo, cada palavra, cada gesto ou pedaço de tecido. A equipe de criação foi levantando tudo, tendo como mote a organicidade da própria construção, passo a passo, seguindo um mapa cujas linhas só vão existindo à medida que se avança para o desconhecido. Estou até agora surpreso com a jornada e para onde ela nos levou.

A dramaturgia foi toda escrita a três mãos durante o processo, e nos coube o privilégio de ter um diretor assistente que além de ator é um escrevinhador de mão cheia. Grande parte da coragem e do frescor do espetáculo devemos a esta figura inquiteta, **Tiago Herz**.

Agora, tenho que dizer, sem **Marta Paiva**, nossa diretora de produção, esse trabalho não teria sobrevivido. Mesmo. Minha gratidão eterna a você, **Martinha**.



FICHA TÉCNICA

baseado na obra de **VICTOR HUGO**

- com **MAURICIO GRECCO**
- direção **DANIEL HERZ**
- diretor-assistente **TIAGO HERZ**
- cenografia **DORIS ROLLEMBERG** e **MAURICIO GRECCO**
- iluminação **LÉVIA COHEN** e **MACHADO**
- figurinos e adereços **CLÍVIA COHEN** e **LUCIELI BELCIC**
- música original **LEANDRO CASTILHO**
- dramaturgia **DANIEL HERZ**, **MAURICIO GRECCO** e **TIAGO HERZ**
- desenho de som **LUCIANO SIQUEIRA** e **LILIAN DOYLE**
- escultura de arame da catedral **JÚNIOR ALEXANDRE**
- cenotécnico **TESSITURA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS** e **DJAVAN COSTA**
- costureira **SELMA MANTOVANI**
- visagismo **LÉO LIMA**
- operador de luz **GABRIEL PRIETO**
- operador de luz **TIAGO HERZ**
- equipe de montagem de luz **ROMMEL SOMER, GABRIEL PIETRO** e **TIAGO HERZ**
- equipe de montagem cenário **RENATO SILVA, DJAVAN COSTA, NEY SILVEIRA** e **REGINALDO MORAES**
- confeção base da forca **ALEXANDRE GUIMARÃES**
- protótipo catedral para workshop **EDUARDO ANDRADE**
- contraregra **RENATO SILVA**
- assessoria de imprensa **STELLA** e **JOÃO PONTES**
- redes sociais **MANU SOUZA**
- direção de arte **MAURICIO GRECCO**
- projeto gráfico **LYGIA SANTIAGO**
- tratamento de imagem e efeitos gráficos **RAFAEL GRECCO**
- revisão de textos **MARIA HELENA TORRES**
- fotografia de cena **JACKELINE NIGRI**
- fotografia da arte **CAROLINA KASTING**
- produção executiva **MÔNICA FARIAS**
- direção de produção **MARTA PAIVA**
- coordenação e idealização **MAURICIO GRECCO**
- realização **HORIZONTE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS**

sábados e
domingos
às 16h

26 março a
1 maio
2022

